

Campus Niterói

Pós-graduação Latu Sensu em
Educação e Novas Tecnologias

Barbara Freitas de Souza

Narrativas do professor em tempos
de pandemia: a ressignificação do
trabalho docente

BARBARA FREITAS DE SOUZA
ETIANE ARALDI (professora orientadora)

NARRATIVAS DO PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA:
A RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Artigo apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação e Novas Tecnologias.

Niterói
2022

S729n Souza, Barbara Freitas de.

Narrativas do professor em tempos de pandemia : a ressignificação do trabalho docente. / Barbara Freitas de Souza. – Niterói, RJ, 2022.
27 f. ; il.

Orientação: Etiane Araldi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Novas Tecnologias) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2022.

1. Trabalho docente. 2. Pandemia. 3. Narrativa. 4. Tecnologias. I. Araldi, Etiane.
II. Título.

IFRJ/Cnit/Biblioteca

CDU 37-051:004

BARBARA FREITAS DE SOUZA

NARRATIVAS DO PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA:
A RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Artigo apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação e Novas Tecnologias.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Etiane Araldi – (Orientadora)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof.^a Ma. Vanessa Moreno Mota – (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof.^a Dra. Lúcia de Mello e Souza Lehmann – (Membro Externo)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dra. Andréa Rizzotto Falcão – (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de refletir sobre o trabalho docente e as novas relações laborais estabelecidas durante a pandemia da Covid-19 através das narrativas dos professores. Para a elaboração da pesquisa, foi escolhida a abordagem de pesquisa qualitativa narrativa por entender que essa perspectiva metodológica considerava os aspectos das vivências humanas, possibilitando analisar, além de suas histórias, o seu contexto histórico e social. Além da produção de narrativas a partir da experiência docente da própria pesquisadora, participaram da pesquisa duas alunas do curso de Pós-graduação lato sensu em Educação e Novas Tecnologias do IFRJ- Campus Niterói, com registros de suas experiências em diários. Todos os registros são de professoras da rede pública municipal de ensino, que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II. Por meio das narrativas foi possível observar que as práticas escolares se viram modificadas, mediadas pelas tecnologias através de computadores, celulares, plataformas e redes sociais. Nesse contexto, casa e trabalho dividiram um mesmo espaço, sem barreiras, sem licença para se entrelaçarem. Assim docentes atuaram em diversas esferas, além da educacional, para trazer conforto e escuta aos seus alunos e familiares, sendo inegável a sobrecarga mental e afetiva do trabalho docente. A pesquisa teve, por fim, a potencialidade de oferecer aos professores a oportunidade de no recontar, refletirem sobre suas práticas e modificá-las, criando significados.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Pandemia. Narrativa. Tecnologias.

ABSTRACT

The present study aims to reflect on the teaching work and the new labor relations established during the Covid-19 pandemic through the teachers' narratives. For the elaboration of the research, the narrative qualitative research approach was chosen because it understood that this methodological perspective considered aspects of human experiences, making it possible to analyze, in addition to their stories, their historical and social context. In addition to the production of narratives based on the researcher's own teaching experience, two students from the lato sensu Postgraduate course in Education and New Technologies at the IFRJ-Campus Niterói participated in the research, with records of their experiences in diaries. All records are from teachers from the municipal public school system, who work in Early Childhood Education, Elementary School I and II. Through the narratives, it was possible to observe that school practices were modified, mediated by technologies through computers, cell phones, platforms and social networks. In this context, home and work shared the same space, without barriers, without permission to intertwine. Thus, teachers acted in different spheres, in addition to education, to bring comfort and listening to their students and families, the mental and affective overload of teaching work being undeniable. Finally, the research had the potential to offer teachers the opportunity to retell, reflect on their practices and modify them, creating meanings.

KEYWORDS: Teaching work. Pandemic. Narrative. Technologies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 POR QUE NARRAR? A ESCOLHA DA METODOLOGIA	9
3 O TRABALHO DOCENTE E AS TECNOLOGIAS.....	10
4 A AFETIVIDADE	17
5 A PRÁXIS	19
6 ESPERANÇAR – CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1 INTRODUÇÃO

A escola e o papel do professor nunca foram tão visibilizados como no ano de 2020, em que o mundo passou e ainda passa pela maior crise sanitária do século XXI, causada pela Covid-19. A doença foi identificada no final de 2019 em Wuhan, na China, e impôs ao mundo o distanciamento social como melhor forma de conter a disseminação do vírus. As escolas foram fechadas e o papel de educar, que antes parecia exclusividade do professor passou a contar com o auxílio outros atores sociais, a família, em suas múltiplas formações e a mediação tecnológica.

As famílias, a escola, os professores e a sociedade como um todo precisaram repensar as formas de ensinar e aprender. As novas tecnologias, já tão presentes no nosso cotidiano, ganharam destaque nessas novas práticas de ensino e ressignificaram os papéis que até então cada um desenvolvia no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Os docentes se viram diante da necessidade de aprender o que não lhes foi ensinando em tempo recorde, para assim dar conta dessa nova demanda social que nos impunha o fechamento das escolas.

Esse trabalho tem o objetivo de refletir sobre o trabalho docente e as novas relações de trabalho estabelecidas durante a pandemia da Covid-19 através da perspectiva dos professores. Compreendendo os limites entre o trabalho e a casa durante o ensino remoto e como a formação para lidar com as novas tecnologias ajudou ou não na adaptação às novas rotinas de trabalho.

Algumas questões suscitaram essa pesquisa: Quais dificuldades os docentes têm encontrado com as aulas online e/ou remota? Como a pandemia de Coronavírus impactou a rotina de trabalho dos professores? Os professores estavam preparados para imergir no trabalho online? Além das questões inicialmente levantadas como problema para a pesquisa, surgiram outros elementos como o papel da afetividade nas práticas docentes como categoria de análise.

Foi necessário pensar em uma metodologia que visibilizasse a realidade vivenciada pelos docentes. Comecei a debruçar-me sobre a minha própria experiência como professora durante a pandemia. Através do incentivo dos professores do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Educação e Novas Tecnologias do IFRJ - Campus Niterói, fui registrando em diário algumas das experiências vividas como professora em regime de ensino remoto.

A partir da escrita dos diários percebi a potencialidade dos registros. Dúvidas surgiram sobre qual metodologia poderia ser utilizada para evidenciar a experiência docente. Durante a pesquisa, encontrei a Pesquisa Narrativa como possibilidade de recontar nossas vivências. Segundo Paiva:

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. (Paiva, 2008, p. 263)

A pesquisa narrativa enfoca a experiência humana como guia na pesquisa. Ela oferece a oportunidade de escuta, de destaque do narrador. Oferece a oportunidade de conhecer uma realidade sobre a visão de determinados sujeitos, que são repletos de complexidades e imersos em um contexto social. As narrativas vão além, e oferecem ao narrador a oportunidade de, no processo de recontar, refletirem sobre suas práticas e modificá-las.

Assim, fiz o convite para outras colegas do curso para participarem da pesquisa. Duas professoras concordaram em registrar suas rotinas em diários, somando suas narrativas às minhas. Por uma questão de privacidade, usamos os pseudônimos Aline e Valéria para as docentes participantes. Todos os registros são de professoras da rede pública de ensino, que atuam na Educação Infantil (professora Aline), Ensino Fundamental I (professora Barbara) e Fundamental II (professora Valéria). Veja o quadro abaixo:

Quadro 1 – Dados sobre as participantes da pesquisa

Participante	Idade	Formação	Tempo de magistério	Rede de ensino
Aline	34 anos	Pedagogia	6 anos	Municipal de Niterói
Barbara	30 anos	Pedagogia	8 anos	Municipal de Niterói e Maricá
Valéria	42 anos	Química Industrial e licenciatura em Química	19 anos	Rede Estadual e atua com aulas particulares

Fonte: O autor (2022).

O texto foi construído a partir das narrativas dos docentes, que foi o fio condutor para as análises em diálogo com a teoria. No processo de análise das narrativas,

emergiram três 3 eixos de discussão que estruturam o presente texto: a trabalho docente e as tecnologias, a afetividade e a práxis. Buscamos, na escrita do artigo, uma construção simples, inspirado em bell hooks (2017, p. 90) que afirma que “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público”.

O trabalho traz um debruçar sobre a experiência dessas professoras, de um lugar de fala que também é meu, visto que sou pesquisadora e pesquisada. Assim, pedi concessão à impessoalidade da linguagem para dar lugar a uma discussão em primeira pessoa, a partir da qual pudesse olhar para dentro e modificar-me aqui fora, profissional e pessoalmente, através da autonarrativa.

A abordagem sociocultural será utilizada como aporte reflexivo sobre as narrativas docentes, por entender que estamos imersos em contextos históricos e sociais, e que deles não podemos apartar a natureza humana e o fazer pedagógico. Como pressupostos teóricos foram utilizados Paulo Freire, bell hooks, Vygotsky, Wallon, Candinin e Connelly para as reflexões levantadas.

2 POR QUE NARRAR? A ESCOLHA DA METODOLOGIA

Para a elaboração da pesquisa foi escolhida a abordagem de pesquisa qualitativa narrativa por entender que essa abordagem considerava os aspectos das vivências humanas e que possibilitaria analisar, além de suas histórias, o seu contexto histórico e social. Oferecer protagonismo à fala dos professores e relatar suas vivências é uma maneira de entrelaçar histórias, colocando em um contexto de espaço e tempo em que foram narrados.

As narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência. As narrativas fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, atuais e futuras. (FIORENTINI, 2006, p. 29 apud OLIVEIRA, 2017, p. 12151)

A pesquisa narrativa enfoca a experiência humana como guia na pesquisa. Ela oferece a oportunidade de escuta, de destaque do narrador. Oferece a oportunidade de conhecer uma realidade sobre a visão de determinados sujeitos, que são repletos de complexidades e imersos em um contexto social. As narrativas vão além, e

oferecem ao narrador a oportunidade de no recontar, refletirem sobre suas práticas e modificá-las. Talvez por isso a pesquisa narrativa também possa ser considerada “práxis” visto que é uma reflexão sobre a prática, capaz de mudá-la criando significados.

O profissional pode utilizar-se da autonarrativa em prol de seu aperfeiçoamento profissional, além do desenvolvimento pessoal. As reflexões advindas da análise deste material reúnem aspectos singulares e permitem a articulação com observações técnicas e metodológicas. Isto exige do profissional ousadia, comprometimento e maturidade para olhar para dentro numa justa posição, nem punitiva nem benevolente. (OLIVEIRA, Valéria; SATRIANO, Cecília, 2018, p. 382)

Na pesquisa narrativa a coleta de dados pode ser oral, escrita ou visual. Segundo Paiva (2008 , p. 263), “as histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.” Por isso, a escolha por trabalhar com diários (autobiográfico).

3 O TRABALHO DOCENTE E AS TECNOLOGIAS

Hoje dia 28/05/2021 amanheci o dia na minha cama com o celular despertando com muitas mensagens do WhatsApp, quando fui ler era algumas devolutivas de alguns alunos sobre a atividade passada durante a semana, então antes mesmo de levantar da cama, abri no aplicativo Canvas e preparei um cartão de agradecimento com um pequeno texto sobre a importância dos devidos cuidados diante da pandemia, como uso de máscara e lavar as mãos constantemente. Após o envio para o grupo de professores do meu GREI¹ para saber se elas aprovavam, eu levantei da cama e fui preparar meu café da manhã, me deparei com uma pilha de louça que ficou do dia anterior, enquanto acordava minha filha para fazer o dever de casa. Após o café, comecei a preparar o almoço, dei uma olhadinha no WhatsApp e vi que o grupo de professoras tinha aprovado e então compartilhei o convite com o grupo da EAP² da escola, para compartilhar com os pais. Enquanto preparava o almoço, minha filha já tinha terminado a tarefa de casa, e se arrumado para a escola, ela almoçou, e a levei para a escola. Ao retornar da escola, comecei a fazer o planejamento mensal de maio /2021 para entregar a EAP, tive que catalogar com datas todos os vídeos enviados durante o mês e correlaciona-los entre os eixos da educação infantil: Infância e natureza/ infância e diversidade/ infância espaço e tempo/ infância múltiplas linguagens, separa fotos afim de comprovar a participação no vídeo das professoras. Em paralelo, às 15:30 tive uma pausa para orientação para o meu TCC para a minha pós-graduação, que está na reta final, que durou por volta de 1 hora, após anotar todas as sugestões, voltei para o planejamento mensal, um pouco de tempo depois, hora de buscar a filha na escola.

¹ Grupo de Referência de Educação Infantil.

² Equipe de Articulação Pedagógica – composta por Diretor, Diretor-Adjunto, Pedagogo, Orientador Educacional e/ou Supervisor Educacional, Secretário Escolar e Professor Coordenador de turno, quando houver, de acordo com o número de alunos.

Ao retornar com minha filha da escola, trouxe seu amiguinho que está indo muito mal nas matérias e que sua mãe me pediu um help. A ajuda durou até as 19 horas + ou -, voltei a fazer o planejamento mensal da escola, pedi uma pizza, para minha filha não morrer de fome, terminei o planejamento as 20:00 horas, logo após compartilhei com o grupo das professoras do GREI para ver se estava tudo certinho e se estava faltando algo. Logo em seguida, iniciei um plano de aula para ser entregue em uma das disciplinas na pós. As 22 horas terminei o plano, enviei para o grupo da pós para ver se está bom e se precisa de ajustes.

Terminei meu dia, colocando minha filha para dormir e deixando a casa muito bagunçada, mas fazer o que né?!³

(Professora Aline, 28/05/2021)

Com o advento da pandemia, os papéis já estabelecidos socialmente dos sujeitos se deslocaram e mesclaram múltiplas funções simultâneas. E com a escola não poderia ser diferente, os professores assumiram diversas facetas do educar, assim como as famílias.

O trabalho docente, que antes restringia-se ao espaço escolar, viu-se diante do desafio de educar à distância, nos lares dos seus alunos e dos próprios professores. As práticas escolares se viram modificadas, mediadas pelas tecnologias através de computadores, celulares, plataformas e redes sociais. Os professores se viram diante de novas demandas e novas organizações de trabalho através das tecnologias.

O trabalho docente passou a não ter hora para iniciar e acabar. As facilidades da instantaneidade, oriundas das tecnologias, derrubaram os limites do ambiente de trabalho e a vida privada. Os tempos antes destinados à aula e ao planejamento já não são os mesmos. Historicamente sempre tivemos dificuldades com o cálculo real do trabalho dentro e fora de sala. As tarefas que antes levávamos para casa, hoje, tomaram conta totalmente da rotina desses profissionais.

Existe, segundo Severiano e Benevides (2013), quatro estratégias de invasão do tempo livre sobre a lógica produtivista: a primeira seria a disponibilização do trabalhador por praticamente 24 horas por dia; a segunda a ocupação do “tempo livre” com atividades de bens de consumo e serviços; a terceira é a mercantilização das relações afetivas; e a quarta seria a intensificação do trabalho intelectual ou acadêmico sobre a lógica produtivista.

Com o advento dos aplicativos de mensagem instantânea, criou-se uma exigência sutil, quase imperceptível, sobre a disponibilidade que precisamos ter para estar inseridos no mundo conectado. O aplicativo, que deveria estar à nosso favor,

³ As narrativas não foram alteradas. Ortografia, coesão e pontuação foram mantidas como nos originais.

virou um carcereiro de nós mesmos. A sociedade criou a ideia de que estar no mundo é estar conectado 24 horas, viramos escravos das ferramentas que deveriam nos auxiliar e aproximar. E assim percebemos que:

A primeira estratégia de invasão, em sua forma mais direta, ocorre quando as atividades laborais se estendem sorrateiramente, via novas tecnologias, seja através das redes informatizadas, seja através dos celulares sempre *atenados*, para o âmbito, não apenas dos lares, mas em aeroportos, consultórios e áreas de lazer; ‘disponibilizando’ o trabalhador praticamente 24 horas por dia. (SEVERIANO; BENEVIDES, 2013, p. 179).

A falta do educar para as mídias fez com que perdêssemos a capacidade crítica de julgar nossos comportamentos frente a elas. Vivemos um momento de disponibilidade total e a escola não deixou de passar por esse processo durante a pandemia. Assim relato em diário:

Acordei às 6:50 e ao levantar a primeira coisa que fiz foi ligar o computador. Parece que estou condicionada a fazer isso todos os dias. Sentei-me naquela cadeira que me tortura e ainda iria torturar por muitas horas. Hoje decidi começar diferente, sempre começo pelas atividades da escola de Niterói, mas hoje não sei por que comecei abrindo o Hub Educacional, plataforma usada por Maricá. Coloquei a atividade de hoje, que era uma sugestão de brincadeira, visto que estamos no “mês das crianças”. Dei uma olhada se tinha alguma notificação, mas nada. Aquele sininho que só fica vermelho quando há interação, faz tempo que não o vejo dessa cor, um verdadeiro deserto pedagógico. Quando abri meu WhatsApp me deparei com algumas mensagens. Tinha a mensagem de uma mãe, que ignorei solenemente ontem, por ter enviado fora do meu horário de trabalho. Decidi que não iria responder naquele momento. Estava adiantada, pois a atividade às 7:27, sim o meu horário só começa às 7:30 (risos). Parece bobo, mas estou vivendo um momento de tentar trabalhar apenas no meu horário de trabalho, ainda não consegui, mas tudo bem! Depois da postagem, veio um silêncio absoluto no grupo. Meus alunos não costumam falar, interagir ou tirar dúvidas no grupo, eles gostam mesmo é de mensagem no privado. Aproveitei a suposta calma e decidi correr para fazer outras tarefas das escolas onde trabalho, pois eu trabalho em duas. Peguei um café e levei para a frente do computador. [...] Lá estava eu fazendo o planejamento das atividades do mês de outubro de Maricá e respondendo mil mensagens de Whatsapp do grupo criado por uma colega, também professora do terceiro ano, chamado “As ferradas do 3º ano” (risos). Somos apenas 3 humildes professoras que estão “ferradas” com o ensino remoto. Na verdade, esse grupo surgiu para nos auxiliar, tirar dúvidas, dividir tarefas e materiais. O assunto hoje foi o tema da produção de texto da avaliação dos alunos “Como você gostaria que fosse o primeiro dia de retorno as aulas?”. Ficamos pensando se seria algo doloroso para as crianças trazer na memória a escola, mas decidimos manter o tema por pensar que é uma oportunidade para entendermos o que eles pensam para o retorno e assim quando houver algum retorno poder usar as sugestões dos próprios alunos. Percebi um burburinho no grupo de WhatsApp da escola de Niterói. Me deu logo aquele medo, pensei que teria surgido mais trabalho. Porque toda vez que o grupo fica movimentado é porque “deu ruim”. A novidade era uma estagiária, enviada pela FME para nos “auxiliar”, parece que o nível de formação dela é muito próximo do nosso, aprendeu usando. Meus colegas vibraram, estão todos perdidos com o uso da Plataforma Microsoft Teams, que ainda não está sendo utilizada pelos alunos. Eu fiquei aliviada pela chegada da estagiária, porque até então eu era a única que ajudava o grupo

(E olha que eu não sei muita coisa!), mas estava me deixando mais sobrecarregada ter que fazer e enviar vídeos sobre a plataforma para os colegas.

(Professora Barbara, 22/10/2020)

Percebo o quanto há de violência comigo quando trabalho fora do horário estabelecido formalmente, quando eu, e outras professoras, iniciam suas jornadas antes mesmo do levantar de suas camas. Também percebo, à luz da conscientização, quando entendo que não deveria trabalhar fora do pactuado com meus empregadores.

O trabalho docente durante a pandemia não esteve afastado do uso das tecnologias. Com isso, não podemos deixar de destacar sua importância a fim de reestabelecer os laços afetivos com a escola, assim como mediadoras de novas aprendizagens. Aprendizagens essas que envolveram professores e alunos. Todos precisaram ressignificar seu uso e incorporá-las em suas práticas pedagógicas cotidianas.

É interessante observar as estratégias criadas pelas professoras que citam a criação de um grupo paralelo, para dividir experiências, criando uma verdadeira rede de apoio para dar suporte umas as outras. Assim como muitos profissionais tiveram que “aprender usando”, revelando dificuldades na formação oferecida aos professores para lidar com as novas demandas tecnológicas.

Podemos observar durante as narrativas o aparecimento de alguns recursos tecnológicos que foram utilizados como ferramentas para a mediação entre professor-aluno e o conhecimento. Dentre eles podemos destacar algumas plataformas educacionais, programas de design gráfico e produção de vídeos, além de redes sociais, com destaque para o *WhatsApp*.

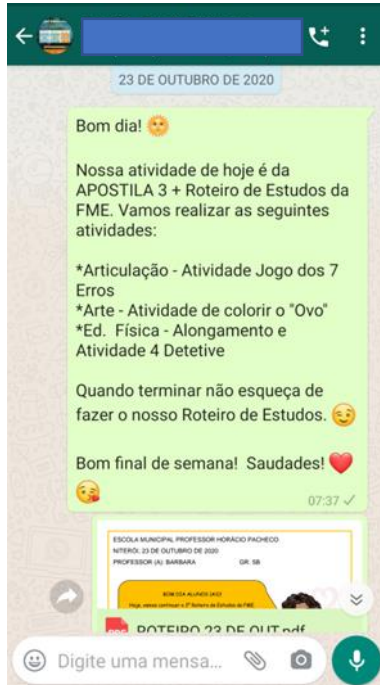
As redes sociais apareceram como um recurso muito evidente, talvez pelo conhecimento prévio que já existia sobre seu uso, passando a facilitar essas interações. Em diário relato:

Hoje me permiti dormir até as 7:10. Não sei se foi uma permissão ou foi o meu cansaço acumulado. Levantei e assumi meu posto. Coloquei a atividade do grupo do Whatsapp de Niterói e fiz uma réplica no Microsoft Teams (Sim! Nós estamos usando mesmo sem os alunos terem acesso). (Professora Barbara, 23/10/2020)

É importante destacar que com pouco, ou nenhum, acesso dos alunos, o uso das plataformas educacionais se fez presente nessas práticas pedagógicas cotidianas, ainda que fosse necessário recorrer às redes sociais para atingir um maior

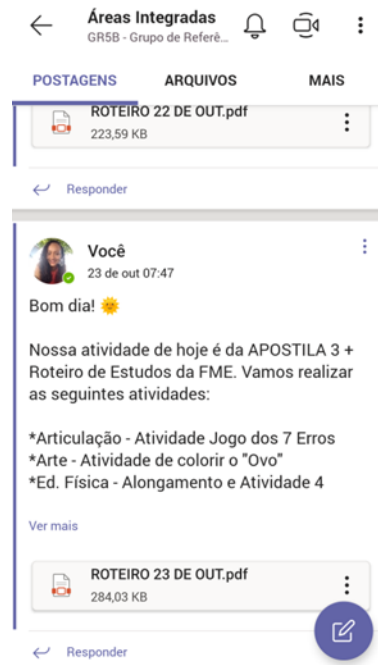
público. Percebemos que essa duplicação de tarefas exige mais tempo, acabando por causar uma sobrecarga sobre os profissionais da Educação, como podemos observar nas imagens abaixo:

Imagem 1 - Atividade postada em rede social



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

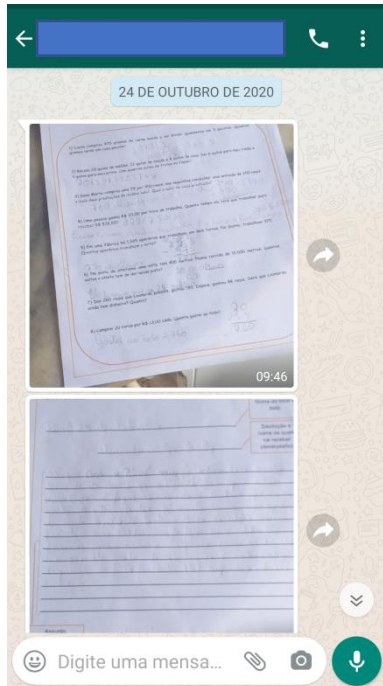
Imagem 2 - Atividade duplicada em plataforma educacional



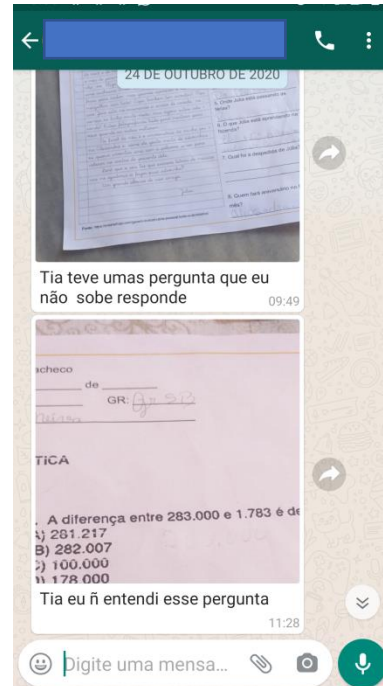
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Talvez esse seja um dos pontos mais sensíveis sobre o trabalho docente durante a pandemia, foi a sobrecarga e o imediatismo advindo da vida em rede. O aqui e agora passou vigorar nas relações educativas. Observamos através da narrativa e das imagens abaixo que o ambiente virtual, que não impõe barreiras, fez com que os professores tivessem suas jornadas de trabalho desconstruídas sobre a ótica das redes:

Sábado, achei que não era dia de diário e nem de trabalho, mas 9:47 recebo várias fotos de atividades e dúvidas. Era uma aluna, fiquei com o coração apertado para responder, mas sei que preciso colocar limites, se não vou viver apenas em função da escola e dos horários dos pais e alunos. Apesar do sentimento que estava “deixando uma criança sem explicação” naquele momento, sei que preciso colocar limites e estabelecer o meu espaço e horários, até porque o trabalho do professor vai muito além de tirar dúvidas e corrigir atividades, que é apenas a parte visível as famílias. Temos que planejar, adaptar, preparar o material impresso e isso é o trabalho invisível a eles, mas que demanda muito tempo. (Professora Barbara, 24/10/2020)

Imagem 2 - *Print de conversa no WhatsApp*

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Imagem 3 - *Print de conversa no WhatsApp*

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Nas redes, o privado e o público se confundem. Não existe horário de trabalho, descanso ou finais de semana. Vivemos expostos a lógica de mercado e assim:

[...] a lógica concorrencial e de produtividade, própria da atual organização técnica da produção capitalista, migra para os lares, espaços de lazer e transportes, reorganizando rotinas para além da antiga divisão do trabalho, ressurgindo de forma "flexível" em todos os lugares e resultando em uma diluição das fronteiras entre as dimensões do tempo de trabalho e do tempo livre, sob o primado da lógica mercantil. (SEVERIANO; BENEVIDES, 2013, p. 166).

Podemos observar com as narrativas uma dissolução da separação entre casa e trabalho. Todos se sentiam livres para mandar mensagens em dias e horários em que queriam ou podiam, independentemente do horário estabelecido como laboral.

Percebemos através da narrativa, o conflito entre a consciência de que o atendimento no final de semana não é atribuição do professor, mas ainda assim existe a fala do "coração apertado", como uma culpa por não estar disponível naquele momento para a aluna.

Atuar como docente requer principalmente respeito ao processo pelo qual passamos, assim como o de nossos educandos. Paulo Freire (2011, p. 139) afirma que "ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria". Como permanecer nesse propósito diante dos desafios, perdas e tristezas que a pandemia nos impôs? Nesse sentido, bell hooks afirma:

[...]os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos. Thich Nhat Hanh ressalta que 'a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente'. [...] (HOOKS, 2017, p. 28)

O trabalho do professor deveria estar ligado diretamente ao autocuidado. Quando violamos nossos corpos e mentes, de alguma maneira perdemos a boniteza e a alegria da vida. É através da procura, da busca e do bem-estar docente que podemos desenvolver uma escuta empática para com o outro.

Para além da importância das tecnologias no cenário pandêmico, é importante ressaltar a glamourização em torno do real acesso dos alunos e das dificuldades encontradas pelos professores. A professora Valéria relata:

[...] Nesse dia, as aulas são todas online, em uma escola pública de Niterói. Começamos às sete na plataforma, postamos atividades, vídeos, tiramos dúvidas, as videochamadas estou marcando em etapas com cada turma. Nessas aulas tenho o cuidado com vídeos para não consumirem os dados dos alunos e as videochamadas não posso fazer sempre. A primeira turma da videochamada é uma turma de primeiro ano, novos na escola, as câmeras desligadas, pedi para vê-los um pouquinho, só para conhecer. A maioria ligou falei com eles, depois deixei à vontade para quem quisesse desligar a câmera, todos com dúvidas inúmeras, mas não a respeito da matéria, na verdade sobre a escola em geral, ajudei no que pude. Vamos para as demais aulas, não tinha mais videochamadas agendada para esse dia, mas continuava online o tempo inteiro nas demais turmas no google sala de aula.[...] (Professora Valéria, 02/03/2021)

É imprescindível salientar o lugar de fala dessas professoras, que narram o cotidiano do chão da escola pública. Onde os educandos sofrem com a falta ou dificuldade de acesso, estando longe do ansiado, imaginado ou divulgado na mídia.

Não se trata de jogar as tecnologias como boas ou ruins, vimos o quanto elas são importantes das tarefas mais simples às mais complexas. Porém, buscar refletir sobre sua inserção dentro da escola pública e a oportunidade para aprender suas linguagens e códigos. Precisamos pensar sobre os saberes e fazeres que envolvem esse novo momento que vivenciamos, de onde sairemos modificados para sempre. Paulo Freire (2011, p. 39) afirma que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Não podemos ignorar ou tentar expulsar as novas tecnologias de nossas vidas e salas de aula. Nossos alunos estão imersos na cultura digital e se apropriar dela se faz necessário para criar caminhos, para novas formas de conhecer o mundo. Formar

discentes críticos e autônomos para a busca nesse universo de informação é nosso desafio. Vani Kenski afirma:

Ao se falar em novas tecnologias, na atualidade, estamos nos referindo, principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. Essas tecnologias caracterizam-se por serem evolutivas, ou seja, estão em permanente transformação. Caracterizam-se também por terem uma base imaterial, ou seja, não são tecnologias materializadas em máquinas ou equipamentos. Seu principal espaço de ação é virtual e sua principal matéria-prima é a informação. (KENSKI, 2007, p.25)

Talvez educar para a informação seja o grande desafio para os educadores do século XXI. Recebemos tantas informações que perdemos a sensibilidade de analisar e selecionar as que nos são importantes e verídicas. Eli Parieser (2012) ressalta que esse excesso de exposição a informação nos levaria a um colapso de atenção.

Não devemos ser ingênuos sobre a neutralidade das tecnologias, elas são produtos histórico-culturais. Elas podem servir de forma a emancipar nossos alunos, mas podem servir de modo a reproduzir ideologias de um discurso tecnicista e conteudista.

4 A AFETIVIDADE

Estava me preparando psicologicamente para almoçar quando chegou mensagem da mãe do Pedro. [...] Ela estava me avisando que era aniversário do dele. Me comprometi em mandar uma mensagem, que é uma criança muito carinhosa comigo. Mande um emoji acompanhado de um áudio felicitando o aluno e dizendo o quanto sentia sua falta. Fui almoçar e durante o almoço a resposta de Pedro me deixou tocada. O aluno dizia na mensagem de WhatsApp: “Obrigado tia eu tbm tô com muita saudade de vc tia eu tô chorando aqui tia”. Como uma simples mensagem de aniversário fez uma criança chorar? Na mensagem ele enfatizava o quanto sentia saudades da “tia”. Fiquei com o coração na mão por não está com ele naquele que seria um dia de aula “normal”, onde nós cantaríamos “Parabéns” e seria cercado de abraços.

(Professora Barbara, 22/10/2020)

Não podemos pressupor a aprendizagem sem a afetividade. Ela nos acompanha ao longo de todo o nosso desenvolvimento. O ambiente escolar não está isento desses afetos, somos indivíduos socio-histórico, repletos de vivências e aprendizagens, e utilizamos delas nas relações escolares, seja aluno-aluno ou professor-aluno.

Por muito tempo a afetividade foi afastada do contexto escolar. Como se houvesse uma dicotomia entre a aprendizagem e a afetividade, o racional sobre o emocional. Paulo Freire (2011, p. 138) afirma que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”, assim como Wallon e Vygotsky compreenderam a relação entre o afeto e a cognição no desenvolvimento humano.

Henri Wallon revolucionou a educação ao desenvolver uma teoria que propunha a formação integral da criança, ou seja, intelectual, afetiva e social. Wallon foi o primeiro a levar as emoções da criança para dentro da escola, sua teoria fundamenta-se em quatro elementos que se ligam: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

As emoções para ele têm papel fundamental no desenvolvimento humano, pois nelas o aluno exterioriza os desejos e as vontades, a afetividade é onde se revelam traços importantes da personalidade, pois nela está explícito o que o outro e o meio produzem na criança, e tendem a propagar seus efeitos no meio social.

A situação vivenciada com o aluno Pedro nos faz refletir sobre a relação entre aluno e a professora, que já existia anteriormente à pandemia. Relação essa, marcada pelo que chamo de carinho no diário, mas que poderia ser denominada como uma relação de afeto.

Um segundo aspecto a ser considerado é o “sentir falta” ou a saudade que a ausência dessa relação que antes era diária, causa no professor e no aluno. Ambos relatam essa dor causada pela ausência imposta pela pandemia.

O terceiro ponto de reflexão é o choro do aluno. Em um primeiro momento considerada uma emoção gerada pela mensagem, mas poderia ser a expressão de transbordamento da saudade daquela relação afetiva. Talvez, nem o próprio aluno consiga mensurar a origem de tal emoção, visto sua complexidade biopsicossocial.

Quarto ponto a ser considerado é a reação que o choro do aluno causa na professora. Que chamo de “ficar com o coração na mão”, sendo esse um sentimento de angústia, tristeza e impotência vivido por mim naquele dia.

Uma quinta consideração é de como seria o dia de “aula normal” descrito, como uma ação coletiva do cantar “Parabéns” marcada pelo simbolismo do ser lembrado, do ser partilhado e por ações que demonstram a afetividade antes vivenciada. É importante salientar que aquele momento de celebração não ocorreu dentro do que era o esperado, mas que com o auxílio da tecnologia, ele também não deixou de existir, não se fez ausência.

Imagem 4 - Print de conversa no WhatsApp



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quando falamos sobre a escuta, também estamos falando sobre afetividade. Estar disponível e aberto a escuta também é uma maneira demonstrar afeto, respeito e atenção com o outro. E as relações professor-aluno também são construídas sobre essas bases. Por isso quando a professora Valéria em seu relato, demonstra-se livre para uma relação de diálogo com seu aluno, além dos conteúdos, ela está estabelecendo uma conexão afetuosa com ele.

É possível deparar-se com profissionais que tem resistência à afetividade na educação, que duvidam sobre a coexistência da cognição e a afetividade. Que emaranham seriedade e dureza pedagógica, afetividade e passividade. A afetividade que se requer no trabalho docente e que entrelaça as relações humanas, é descrita por Paulo Freire (2011) assim:

Significa, de fato que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. (FREIRE, 2011, p. 138)

5 A PRÁXIS

Nesse dia, as aulas são todas online, em uma escola pública de Niterói. Começamos às sete na plataforma, postamos atividades, vídeos, tiramos

dúvidas, as vídeochamadas estou marcando em etapas com cada turma. Nessas aulas tenho o cuidado com vídeos para não consumirem os dados dos alunos e as vídeochamadas não posso fazer sempre. A primeira turma da vídeochamada é uma turma de primeiro ano, novos na escola, as câmeras desligadas, pedi para vê-los um pouquinho, só para conhecer. A maioria ligou falei com eles, depois deixei à vontade para quem quisesse desligar a câmera, todos com dúvidas inúmeras, mas não a respeito da matéria, na verdade sobre a escola em geral, ajudei no que pude. Vamos para as demais aulas, não tinha mais vídeochamadas agendada para esse dia, mas continuava online o tempo inteiro nas demais turmas no google sala de aula. Na parte da noite tinha uma vídeochamada, uma aula particular com um aluno da UFF de primeiro período, seria a nossa quarta aula. A aula começa, vamos interagindo, tive que pedir licença um segundo porque meu gato estava destruindo a casa, voltei continuamos a aula, que foi de 18:00 até 20:00. No final da aula ele começou a puxar assunto, comentar sobre o medo dele e da família em relação a pandemia e ficamos conversando por mais uma hora. Foi bastante interessante, ele necessitava muito da conversa e eu também. Ele disse que praticamente só interagia com a família, as aulas da graduação começaram no meio da pandemia então não conhece os colegas. Enfim, terminamos a conversa, fiquei pensativa em quanto está sendo difícil para todos nós e fui descansar um pouco, pois começará tudo novamente amanhã.

(Professora Valéria, 02/03/2021)

A escuta se faz prática contígua ao papel do professor, não estando afastada da práxis. A escuta nos modifica, nos reveste de experiências que também são capazes de nos modificar, talvez porque através da escuta experenciamos sobre o olhar do outro.

É importante observar o papel de escuta desempenhado por Valéria naquele momento, que se coloca disponível em uma relação de troca com seu aluno, sobre os medos e anseios enfrentados por ambos. bell hooks (2017, p. 58) afirma que “ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento”. A professora consegue compreender que tanto ela, quanto seu aluno necessitavam daquele espaço de escuta, reconhecendo-se diante dos desafios vividos durante a pandemia.

Refletir sobre nossas ações é a melhor maneira de fortalecer nossa prática. A práxis, longe de ser apenas a prática cotidiana, é a ação transformadora dos indivíduos. Segundo Paulo Freire, citado por bell hooks:

[...] A práxis não é a ação cega, desprovida de intenção ou de finalidade. É ação e reflexão. Mulheres e homens são seres humanos porque se fizeram historicamente seres da práxis e, assim, se tornaram capazes de, transformando o mundo, dar significado a ele. (FREIRE, apud HOOKS, 2017, p. 68)

Por esse motivo a pesquisa narrativa se faz tão importante, ela enfoca a experiência humana como guia na pesquisa. Nos ajuda a relacionar teoria e prática,

oferecendo ao narrador a oportunidade no recontar, refletir sobre suas práticas e modificá-las. A quem ouve, o ensejo de conhecer uma realidade sobre a visão de determinados sujeitos, que são repletos de complexidades e imersos em um contexto social. Não podemos sair de uma pandemia sem estar modificados, e as reflexões que fizermos sobre nossas práticas durante esse período é que nos trará a transformação de nossas vivências, de seus significados e do mundo.

Entendo as narrativas como uma forma de formação docente, assim como a práxis. Pois através delas podemos refletir criticamente, formar e transformar sujeitos. Sobre a formação docente Freire afirma:

[...] Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. [...] (FREIRE, 2011, p. 40)

6 ESPERANÇAR – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 2011, p. 70).

Não poderíamos concluir esse trabalho sem falar sobre a Esperança, aquela que nos move, que nos faz continuar e sonhar com dias melhores. Diante dos desafios vividos na pandemia, esperar é o nosso ato de resistência a tudo que nos desumaniza.

Muitos foram os problemas e dificuldades vivenciados nesse período por toda a comunidade escolar. Os professores atuaram em diversas esferas, além da educacional, para trazer conforto e escuta aos seus alunos e familiares. Sendo inegável a sobrecarga do trabalho docente. Casa e trabalho convivendo em um mesmo espaço, sem barreiras, sem licença para se entrelaçarem.

A escola não paralisou diante da pandemia, e para isso se fez muito importante o uso das tecnologias, mesmo com todas as limitações de acesso e de domínio de suas técnicas, elas nos proporcionaram possibilidades diferenciadas de interação com os alunos e suas famílias.

Observamos o esforço dos docentes para aprender, juntos com seus alunos, a utilizar novos recursos tecnológicos, plataformas e redes sociais como novas formas de ensinar e aprender. Talvez pareça evidente, mas é necessário ser dito, que não foi fácil.

O desafio que a pandemia nos deixa enquanto sociedade, é pensar uma educação que propicie igualdade de oportunidade de acesso para todos, principalmente para os que estão à margem da revolução tecnológica que estamos vivenciando. Além de proporcionar a crianças, jovens e adultos, uma formação de pensamento crítico e reflexivo para uma utilização consciente e plena dos recursos disponíveis. Assim como refletir sobre a formação oferecida aos docentes e novas formas de trabalho, para que estejam preparados para lidar com as novas demandas do mundo conectado.

Neste cenário, é preciso afirmar a esperança, aquela que segundo Paulo Freire (2011, p. 70) “faz parte da natureza humana”. Apenas a partir do esperar, poderemos seguir na busca por resistir a todos os obstáculos vividos e ainda sentidos dessa pandemia. Não falemos de uma esperança ingênua, que apenas nos coloca no trilho a seguir. Mas aquela que nos faz refletir e reconstruir nossa forma de estar no mundo.

Através das autonarrativas pude revisitar todas as emoções vividas durante aqueles dias. As fragilidades de ser humano e que muitas vezes não permito que as sinta por achar que não competem ao trabalho docente.

Se afirmar enquanto um ser em construção e perceber as fragilidades impostas pelo momento histórico vivido também é necessário. Faz com que possamos olhar para as narrativas sobre outros ângulos.

Visitar os diários das professoras Valéria e Aline foram um ponto de encontro para aquilo já vivenciado por mim. Um reconhecimento sobre as práticas docentes desenvolvidas durante a pandemia e sobre as dificuldades encontradas.

À luz da teoria, buscamos a alegria do ensinar e aprender, para superar os obstáculos e reencontrar nossa força para esperar e florescer no trabalho docente. Tornando nossas práticas, nossos cotidianos, nossas vozes, nossas narrativas instrumentos da nossa práxis.

Que outros professores possam se encontrar nesse texto, que se sintam representados ou que simplesmente possam conhecer outras realidades. Que nunca lhes falte a alegria, a boniteza e a esperança sobre o educar.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria De Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOLZAN, Doris Pires Vargas. Abordagem narrativa sociocultural. In: MOROSINI, M. C. (Org.). et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Brasília, DF: INEP/RIES, 2006. Glossário v. 2. p. 386.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 03 jan. 2021.

BRUNER, J. Atos de significação. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORREIA, Mônica F. B.. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 8, n. 3, p. 505-513, dez. 2003 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 Jan. 2021.

COSTA, Gisele Ferreira da. **O afeto que educa: afetividade na aprendizagem**. 2017.14. Trabalho de Conclusão de curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017
bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins (1952-2021).

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LA TAILLE, Yves et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MARIANI, F.; MATTOS, M. CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 21, n. 47, p. 663-667, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766>. Acesso em: 28 dez. 2020.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. PESQUISA NARRATIVA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. In: XIII EDUCERE, IV SIRSE, VI SIPD – Cátedra UNESCO, 2017, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR, 12146-12159, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23688_11993.pdf Acesso em: 28 dez. 2020

OLIVEIRA, V. M. de; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 369–386, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 25 jan. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte , v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982008000200001&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 28 dez. 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RHODEN, J., & ZANCAN, S. A perspectiva da abordagem qualitativa narrativa de cunho sociocultural: possibilidade metodológica na pesquisa em educação. **Revista Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 45, e61, 1-22, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/36867/html> .Acesso em: 28 dez. 2020.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. **XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação.** SEPesq, 2015. Centro Universitário Ritter dos Reis. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf Acesso em: 26 de junho de 2017.

SEVERIANO, Maria de Fátima V.; BENEVIDES, Pablo Severiano. A juventude em tempos acelerados: reflexões sobre a dissolução entre tempo livre e tempo de trabalho. In: JUBRA: TERRITÓRIOS INTERCULTURAIS DE JUVENTUDE. 5., 2012, Recife. **Coletânea de trabalhos apresentados...** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 155-182.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WEREBE, Maria José Garcia;NADEL-BRULFERT, Jacqueline. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, que guiou-me durante a caminhada, renovou minha fé e esperanças quando já não acreditava que chegaria ao fim.

Aos meus pais, por acreditarem que era possível ir além e principalmente pelo amor e apoio em todos os momentos de minha vida.

Ao meu marido e amigo, Geremias, que foi um grande companheiro e incentivador.

A minha orientadora professora Dra. Etiane Araldi pela paciência e preciosas orientações durante todo o trabalho.

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO**
(PREENCHER COM LETRA LEGÍVEL)

Ata n°02/2022

Aos dezoito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois, às dez horas e cinco minutos, compareceu à sala Google Meet do Campus Niterói do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), o(a) aluno(a) Bárbara Freitas de Souza, do curso de Especialização em Educação e Novas Tecnologias, para a defesa de trabalho de conclusão de curso intitulado "Narrativas do professor em tempos de pandemia: a resignificação do trabalho docente". O trabalho orientado pelo(a) professor(a) Etiane Araldi, presidente, foi avaliado pela banca examinadora composta por: Lúcia de Mello e Souza Lehmann, Vanessa Moreno Mota e Andréa Rizzotto Falcão. O(a) presidente da banca fez a abertura e passou a palavra para o(a) aluno(a) que fez uma exposição oral de trinta minutos. Após a exposição, o(a) presidente da banca agradeceu ao(à)aluno(a) e passou a palavra para os(as) demais membros da banca que arguíram o(a) aluno(a) por sessenta minutos. Em seguida, o(a) presidente da banca agradeceu pelas contribuições e sugestões, teceu alguns comentários e pediu ao(à) aluno(a) e aos demais presentes que se retirassem para a deliberação da banca examinadora, que emitiu parecer de aprovado. O(a) presidente deu por encerrada a sessão de defesa às onze horas e quarenta e cinco minutos, para constar, foi lavrada a presente Ata que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da banca examinadora e pelo(a) aluno(a).

Observações: O trabalho foi aprovado com louvor. Devido à potencialidade do material apresentado e do percurso de pesquisa desenvolvido, sugere-se a continuidade dos estudos em nível de mestrado e a publicação do artigo.

Assinaturas:
Orientador(a):



Etiane Araldi

Avaliador(a): Lúcia de Mello e Souza Lehmann
Avaliador(a): Vanessa Moreno Mota
Avaliador(a): Andréa Rizzotto Falcão
Aluno(a): Bárbara Freitas de Souza

Ciente: 
Coordenação do Curso: Data: Niterói, 23 de fevereiro de 2022